

Romance histórico e literatura afro-brasileira: a escrita de Eliana Alves Cruz

Nathielen Fernandes de Oliveira (Universidade de Brasília)
Orientador: Pedro Mandagará Ribeiro

Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar a obra *Água de barrela* (2018), da escritora Eliana Alves Cruz. Em um primeiro momento, faz-se necessário refletir sobre o lugar que a autora ocupa no cenário literário atual, além de sua proximidade com as narrativas de outras autoras contemporâneas, a exemplo de Conceição Evaristo e suas escrituras. A partir disso, é possível nos aprofundarmos na análise do livro e observarmos aspectos mais específicos, referentes à construção do romance. Trata-se de um trabalho em desenvolvimento e, por isso, são válidas as discussões e reflexões sobre os temas aqui abordados.

Escrita como uma forma de inserir-se no mundo e modificá-lo

Em *Por um conceito de literatura afro-brasileira* (2010), Eduardo Assis Duarte reflete a respeito do conceito de literatura afro-brasileira e apresenta elementos que servem como norteadores para identificar determinadas produções literárias nesse aspecto. Isso porque a autoria afrodescendente não é o único fator de identificação para essas obras. A literatura de Eliana Cruz se insere nesse universo, uma vez que, tanto em seus romances ambientados no passado, quanto em suas narrativas mais próximas da atualidade, o lugar da enunciação cultural e politicamente demarcados estão muito presentes.

Embora não se trate uma obra inteiramente autobiográfica, a narrativa é construída a partir de muita pesquisa em arquivos públicos e, sobretudo, em arquivos pessoais, pertencentes à família da própria autora. Eliana Alves Cruz se utiliza de fotografias, cartas e relatos orais para compor sua ficção, o que nos permite compreender o caráter pessoal que o livro carrega.

A busca pela escrita de ficção tendo como base a realidade nos coloca diante da ideia de escritura, criada e difundida por Conceição Evaristo. Nas palavras da escritora, “Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção.” (Evaristo, 2017, p. 11). Nesse sentido, é possível notar que Eliana Alves Cruz também se valeu desse conceito em *Água de barrela*, uma vez que preencheu com ficção as lacunas de memórias coletivas e individuais.

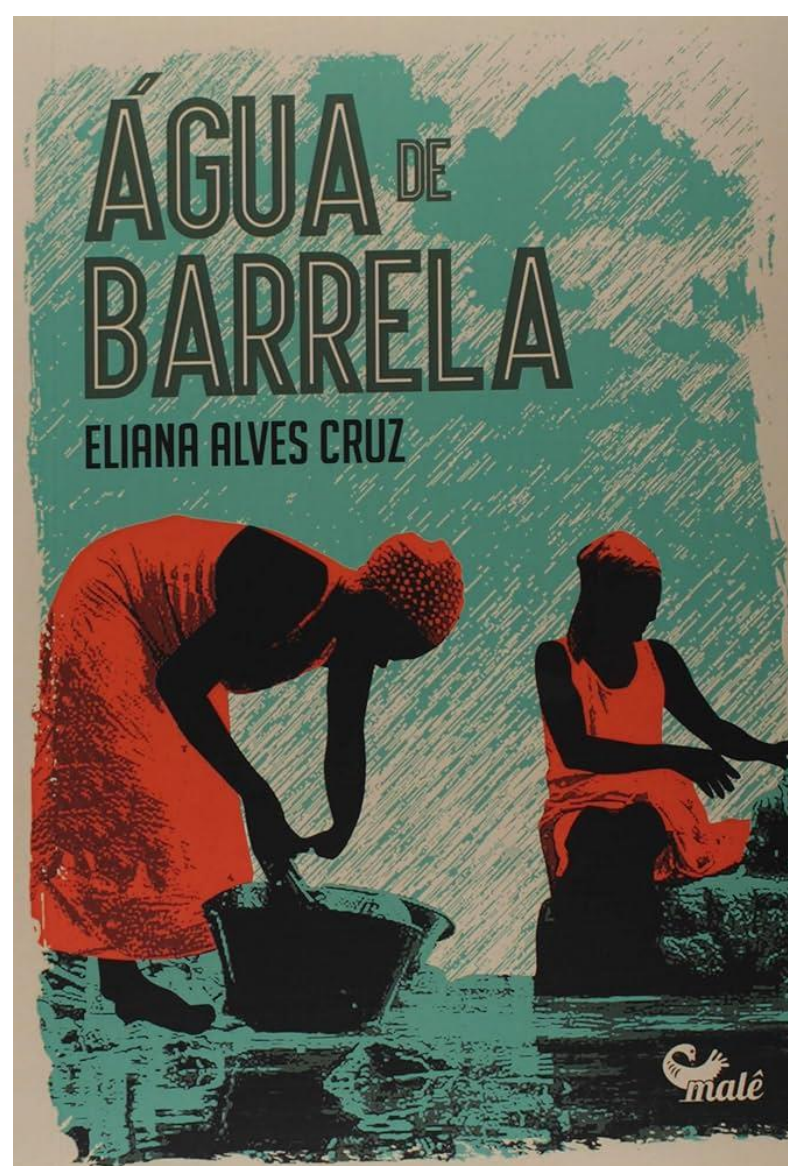
Essa busca pelo passado por meio da ficção também está na base do que Saidiya Hartman (2020) chama de fabulação crítica. Tanto Hartman quanto Cruz partem de relatos de dor e violência ocorridos no período da escravização e da colonização. Hartman ainda afirma que não pretende recuperar a vida das pessoas escravizadas, mas trabalhar para narrar a história dessas pessoas da maneira mais completa possível.

Romance histórico e suas novas formas

Lukács escreve sua grande obra intitulada *O romance histórico* entre 1936 e 1937. Desde então, ocorreram diversas reflexões e reformulações teóricas a respeito desse gênero literário. Essas novas visões teóricas acompanharam os próprios romances, os quais incorporaram elementos diversos e fizeram com que o gênero romance histórico fosse tensionado e se alterado em sua forma.

Essa abertura da forma do romance histórico ao longo dos séculos permite que as obras não precisem cumprir com todos os quesitos postos por Lukács para serem consideradas romances históricos. Dessa maneira, uma mescla de elementos de diferentes gêneros literários tornou-se possível. No caso de *Água de barrela*, Cruz acrescenta traços de uma biografia ao seu romance histórico. Alguns elementos que dessa característica podem ser confirmados nas fotografias dos antepassados da autora, por exemplo.

Vemos, também, no romance as personagens sendo afetadas pela História e seus destinos sendo modificados tanto por decisões próprias, quanto por acontecimentos que não dependem delas, a exemplo da ida de Firmino à Guerra do Paraguai. Nesse caso, vemos o que Jameson (2007) chama de interseção das existências individuais com os acontecimentos históricos. Ou seja, para ele “o evento precisa trespassar e transfixar de um só golpe o tempo existencial dos indivíduos e seus destinos.” (p. 192). Essa interseção se repete ao longo de toda a narrativa, sobretudo nos momentos de contextualização histórica.



Conclusões prévias

Esta é uma pesquisa que ainda está em andamento, porém já foi possível depreender algumas ideias relacionadas à obra de Eliana Alves Cruz. *Água de barrela* carrega um certo hibridismo em sua forma, na medida em que mescla aspectos do romance histórico a traços biográficos da autora. Essa evolução na forma é uma importante característica dos “romances históricos” produzidos na atualidade, sobretudo no que se refere às discussões sobre o colonialismo em diversos países da América e da África.

Além disso, é “increve-vi-vendo-se” que “um corpo-sujeito busca seu próprio pertencimento, que se observa como dono de si próprio.” (Evaristo, 1996, p. 89). Ou seja, a experiência da escrita negra passa pelo corpo e pelas memórias de quem escreve. Por esses e outros motivos, a escrita de Eliana Alves Cruz destaca-se na literatura brasileira atualmente.

Referências

- CRUZ, Eliana Alves. *Água de barrela*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Malé, 2018.
- DUARTE, Eduardo Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: *Terceira Margem*, n. 23. Rio de Janeiro, 2010. p. 113-138. Disponível em: <https://doi.org/10.55702/3m.v14i23.10953>. Acesso em 20 de jun. 2024.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- _____. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Dissertação de Mestrado. RJ, 1996.
- HARTMAN, Saidiya. *Vênus em dois atos* (trad. Fernanda Silva e Sousa e Marcelo R. S. Ribeiro). In: *Revista Eco-Pós*, v. 23, n. 3. 2020. p. 12–33. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640>. Acesso em 18 de dez. de 2023.
- JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível?. In: *Novos Estudos*. 2007. p. 185-203. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/xDSWf78FZTqyfnhBdgSvtpB/>. Acesso em 1 de dez. de 2023.
- LUKÁCS, György. *O romance histórico* (trad. Rubens Enderle). São Paulo: Boitempo, 2011.